

Realidade, experiência e discurso: repensando a noção sociossemiótica de contexto à luz de uma perspectiva vygotskiana**Reality, experience and discourse: rethinking the socio-semiotic view of context through Vygotsky's lenses**Diego Abreu¹

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo precípua deste artigo é discutir a noção de contexto esposada pela Linguística Sistêmico-Funcional e, diante de seus problemas, propor o esboço de uma interpretação de contexto alternativa: o modelo trinitário de contexto. Tal conceituação tem como fundamento um diálogo entre a reflexão vygotskiana sobre a experiência como o eixo central da vida psicológica e a doutrina sociossemiótica acerca das variáveis contextuais (Halliday, 1994). Com esse objetivo em mente, após expormos os alicerces teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, discutiremos a definição de contexto advogada por essa escola. Em seguida, explicitamos os principais problemas e contradições da compreensão objetivista e superveniente esposada no modelo de representação da linguagem da Linguística Sistêmico-Funcional. Finalmente, ancorado nas reflexões de Vygotsky (1994) sobre a ideia de experiência (*perezhivanie*), defendemos o esboço do modelo trinitário de contexto, entendido como uma forma mais coerente de conceber os componentes extralinguísticos da linguagem em sua inter-relação com o significado e a materialidade da língua.

Palavras-ChaveLinguística Sistêmico-Funcional. Contexto. Vygotsky. Experiência. *Perezhivanie***Abstract**

This paper aims to discuss the notion of context advocated by Systemic Functional Linguistics (SFL) and, due to its problems, to propose a sketch of another interpretation of this phenomenon: the trinitary model of context. This conception is founded in a dialogue between Vygotsky's reflection about experience as the main axis of our psychological life and the socio-semiotic linguistic doctrine regarding the context factors (Halliday, 1994). Aiming this goal, after the general presentation of the theoretical foundation of SFL, the definition of context espoused by this school of thought will be discussed. Afterwards, we will expose the main problems and contradictions of the objectivist and supervenient view of context endorsed by SFL. Finally, based on Vygotsky's reflection about the notion of experience (*perezhivanie*) (Vygotsky, 1994), the trinitary model of context, seen as a more coherent way of understanding the extralinguistic elements of language, will be promoted.

KeywordsSystemic Functional Linguistics. Context. Vygotsky. Experience. *Perezhivanie*

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio. Professor Adjunto do Departamento de Letras da UERJ (Faculdade de Formação de Professores). ORCID: 0000-0003-0591-6918.

Introdução

Ainda que a relação entre contexto e discurso seja atualmente incontestável em meio às mais distintas linhas contemporâneas de estudo linguístico, essa consciência teórica é produto de uma série de desenvolvimentos recentes na compreensão do sentido da linguagem. Como observa Armengaud (2006), foi com a evolução do campo da Pragmática, com sua paulatina emancipação da esfera da Semântica formal, que os elementos constitutivos do contexto começaram a ganhar importância no horizonte dos pensadores da área, sendo a averiguação das variáveis pertinentes ao contexto vista como parte fundamental do trabalho de análise do significado em uma interação.

Apesar da valorização contemporânea do papel do contexto na composição do discurso, há uma carestia importante de expedientes teóricos dedicados a produzir uma delimitação clara do espectro de abrangência do contexto. Conforme asseverado por Martin (2013), existe uma tendência a se tratar o contexto como um resíduo; aquilo que sobra quando se conclui o trabalho de elaboração conceitual do fenômeno linguístico. O emprego corrente de definições e caracterizações que flertam ou se alinham abertamente com a ideia de contexto como mero referente ou entorno situacional (Jakobson, 1960) evidencia a baixa oxigenação de ideias no tratamento do tema.

Em face dessa contradição entre o crescente prestígio atribuído ao contexto no macrocampo dos estudos linguísticos e a sua marginalidade teórica, a atenção dada pela Linguística Sistemico-Funcional (doravante LSF) ao fenômeno contextual é digna de nota. Não apenas os pais fundadores dessa escola teórica atribuíram centralidade aos níveis extralinguísticos do todo da linguagem (Halliday, 1994), mas também se preocuparam em organizar seu próprio modelo de representação da linguagem de forma integrada à dimensão contextual. Contudo, como assinalado por Martin (2013), a concepção de contexto avançada pela LSF sofre de uma série de debilidades conceituais e metodológicas, denunciadas renitentemente por intelectuais afiliados a essa vertente de pensamento linguístico. Bartlett (2017), por exemplo, expõe seu desconforto em relação a diferentes inconsistências que se fazem patentes nesse expediente teórico. Excesso de objetivismo e incoerências na forma de explicar a relação entre os elementos intralinguísticos e extralinguísticos (contextuais) do todo da linguagem despontam como alguns dos problemas mais proeminentes do entendimento hallidaiano de contexto.

À luz das reflexões apresentadas nos parágrafos anteriores, o objetivo precípuo deste artigo é discutir criticamente a noção de contexto esposada pela LSF e, diante de seus problemas, propor o esboço de uma interpretação de contexto capaz de ofertar alternativas teóricas para superar as debilidades do modelo sociosemiótico. Após a presente introdução, expomos brevemente as principais balizas teóricas da LSF, atravessando alguns de seus conceitos principais. Adiante, tratamos sobre a noção de contexto advogada por essa escola de pensamento. Em seguida, abordamos em maior detalhe os dois vícios mais importantes da teorização de contexto da LSF: seu caráter objetivista e superveniente. Na quinta seção do artigo, voltamos nossas atenções para o trabalho construtivo de propor o esboço de um conspecto de contexto, o modelo trinitário, que busca integrar os elementos da

experiencialidade humana e da intersubjetividade na totalidade das variáveis extralinguísticas preconizadas pela LSF. Ao fim, algumas considerações finais são tecidas.

O significado como eixo de conexão entre o discurso e a experiência: Linguística Sistêmico-Funcional e a concepção sociosemiótica de linguagem

A concepção de linguagem elaborada pela LSF, tendo o linguista inglês Halliday como grande líder intelectual dessa escola, se funda em um diálogo entre o funcionalismo de Firth, que ancora o fenômeno da língua no mundo e na experiência, e o abstracionismo de alguns dos primeiros grandes nomes da Linguística, como Saussure e Hjelmslev. Essa orientação teórica está patente na própria definição de linguagem esposada pela LSF, concebida por Halliday (1994, pg. 16) como “uma rede sistêmica geradora de significado.” Dois aspectos-chave desse modelo linguístico são o caráter sistêmico da linguagem e, ao mesmo tempo, a ancoragem social e funcional desse sistema semântico, gerando uma interface entre o discurso e a experiência humana (Vygotsky, 1994[1934]).

Sendo a linguagem um sistema de escolhas semânticas orientadas para uma função social no mundo, a compreensão da teoria linguística da LSF repousa sobre a noção de significado. No pensamento hallidaiano, o significado atua fundamentalmente em dois âmbitos: como um meio de representar a experiência e mediar a interação humana em sociedade. Logo, o significado, ao mesmo tempo que concretiza em formas linguísticas nossas vivências e viabiliza a troca comunicativa entre indivíduos, tem que se adequar às raías de expressão possibilitadas por cada idioma. Esses três aspectos do significado em sua acepção sociosemiótica encontram-se esquematizados no tripé proposto pela LSF, que categoriza o todo do significado em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual (Martin; White, 2005).

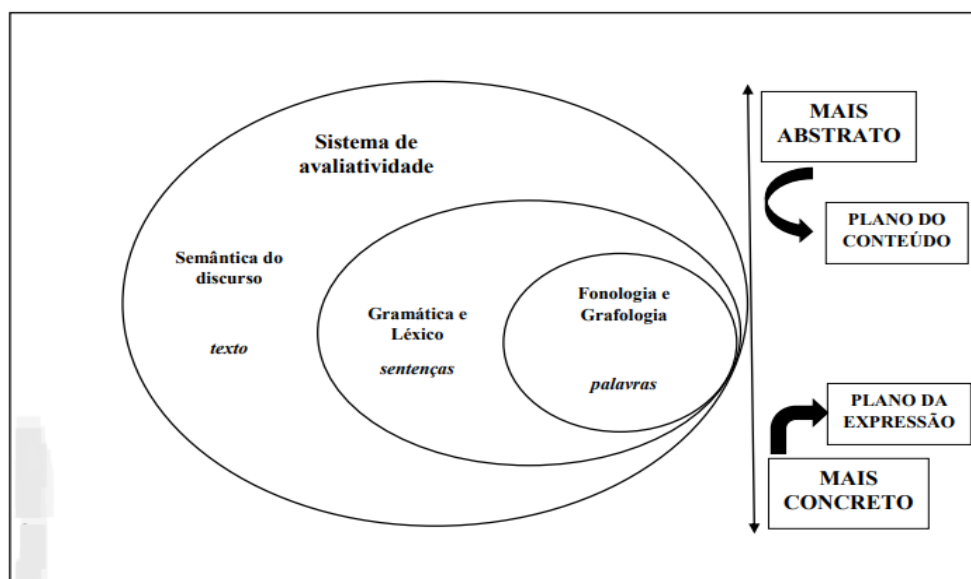
Grosso modo, podemos entender o significado ideacional como um instrumento de condensação de toda a riqueza da experiência humana em unidades linguisticamente apreensíveis e, portanto, comunicáveis. O significado em sua forma interpessoal, por sua vez, diz respeito ao caráter comunicativo e interacional do fenômeno semântico. Cada ato de significação, além de uma representação experiencial, é um esforço de busca de comunhão com o outro e um expediente de ação no mundo. Finalmente, o significado em sua faceta textual possui um caráter eminentemente conversor; permitindo que nossas experiências, em toda sua efemeridade, possam desaguar em um enunciado dotado de materialidade e sentido lógico.

Como explicitado nos parágrafos anteriores, a linguagem, no bojo teórico da LSF, é compreendida como um sistema de materialização de nossas vivências e anseios interpessoais em formas linguísticas. Assim, a linguagem viabiliza todo o processo de realização da comunicação, mediando o significado abstrato e corredio até símbolos audíveis e gráficos que expressam materialmente esses significados. Essa interface entre o formal semântico e o concreto sonoro-gráfico sempre representou uma das esfinges mais desafiadoras para as diferentes escolas linguísticas. A oposição estruturalista promovida por Saussure, que

contrapunha *langue* (o sistema abstrato da língua) e *parole* (expressões concretas ancoradas nesse sistema) oferece uma tentativa de resolução desse problema. No entanto, na contramão da teorização maniqueísta advogada por Saussure, a LSF propõe um modelo diferente, assentado na noção de realização.

Ao invés de propor uma relação antagônica entre o concreto e o abstrato na composição do todo linguístico, a ideia de realização tem como fundamento o princípio do contínuo, traçando um fio de continuidade que se estende desde a penumbra do significado até a materialidade concreta da fala e da escrita. Partindo desse pressuposto epistemológico, a LSF apresenta uma visão mais funcional para a linguagem, caracterizando-a como um sistema de produção de significados que se codifica (ou decodifica) em outros sistemas como uma cascata (descendente/ascendente) de transições em mão-dupla do abstrato ao concreto (Halliday, 1994). Abaixo, temos uma figura que representa a estrutura de organização do contínuo da linguagem preconizado pela LSF:

Figura 1 – Contínuo de realização da linguagem



Adaptado de Nóbrega (2009)

Conceber a linguagem à luz da metáfora de uma cascata de (de-)codificações significa entender a linguagem de forma estratificada. Vislumbrando o quadro a partir de seu polo concreto, nos deparamos com o estrato da grafo-fonologia. Em nosso falar, se integram elementos como entonação, ritmo, prosódia e os fonemas na formação das sílabas. Na escrita, por sua vez, aglutinam-se e ordenam-se letras, símbolos de pontuação, tipologia, fontes e a própria caligrafia individual, compondo unidades intermediárias que se moldam em sentenças (Martin; White, 2005). No próximo andar de abstração, flagramos o nível léxico-gramatical, que recodifica os elementos codificados pelo estrato grafo-fonológico em

um âmbito mais abstrato. Neste espectro de abstração da linguagem, coabitam sentenças, palavras, funções e estruturas.

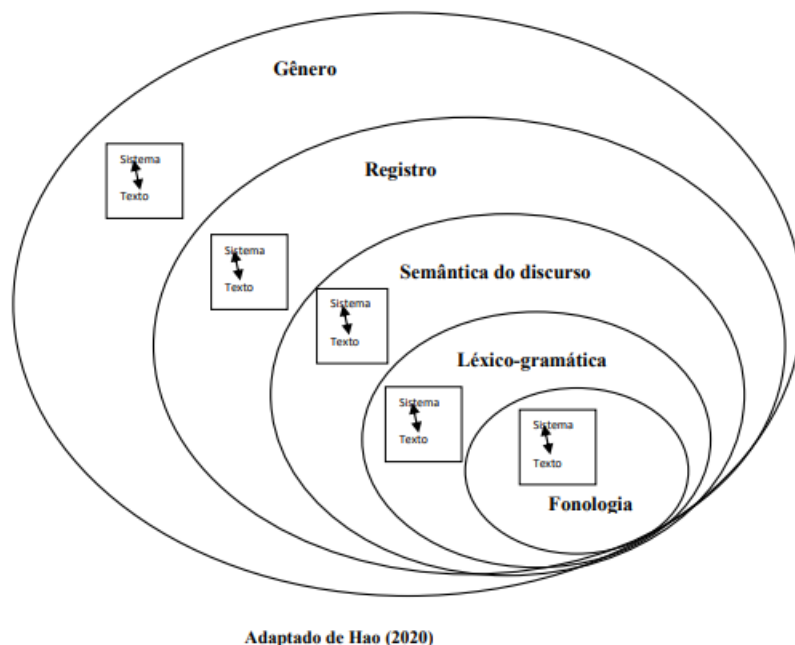
Seguindo a ascensão em níveis abstrativos, chegamos ao terreno da Semântica do Discurso, o estrato intralinguístico de maior nível de abstração no modelo hallidaiano. Conforme apontam Halliday e Mathiessen (2004), a característica mais importante desse estrato é sua capacidade de indicar formas de organização do significado que transcendem o nível da oração. Observamos, portanto, um salto de elevação importante entre o nível da semântica do discurso e o plano da léxico-gramática. Enquanto esta opera com elementos e noções que podem ser representadas linguisticamente (podemos escrever uma frase ou uma oração), o nível ulterior tem em mãos as três formas de ordenamento do significado (ideacional, interpessoal e textual) em sua forma inerentemente abstrata e efêmera. Além disso, o estrato da Semântica do Discurso se pulveriza em uma variedade de subsistemas, cada um deles responsável por mapear as regiões semânticas previstas por cada língua como forma de realização das metafunções textual, ideacional e interpessoal. Os subsistemas que prosperam na Semântica do Discurso possuem uma organização capilarizada, sendo elásticos e potencialmente crescentes.

A caminhada abstrativa de representação dos diferentes níveis estratificados da linguagem não se encerra no âmbito da Semântica do Discurso. Seguindo um dos princípios do funcionalismo linguístico de ascendência firthiana, Halliday integra os espectros constitutivos do contexto próximo e mais amplo do discurso no modelo de representação da linguagem, entendendo que tais âmbitos constituem o todo do fenômeno linguístico. Considerando os objetivos precípuos deste artigo, abordaremos esta etapa da teorização hallidaiana em uma seção dedicada ao tema.

Situação e Cultura: A concepção de contexto esposada pela LSF

Um dos preceitos mais importantes do pensamento de Firth, de quem Halliday é o mais genial epígono, preconiza a união indelével entre a significação e seu contexto interacional (Firth, 1957). Tomando tal proposição como ponto de partida, Halliday estende seu esquema de representação da linguagem para além do âmbito estritamente linguístico, integrando ao todo da linguagem o contexto imediato em que se desenrola a interação e o ambiente cultural mais amplo que a envolve. Dispomos, assim, de uma representação mais abrangente do quadro geral da língua, incluindo os níveis extralinguísticos. Abaixo, é apresentada uma ilustração gráfica desse modelo:

Figura 2 – Continuo da realização dos estratos linguísticos e extralinguísticos em relação com a instanciação



Na figura 2, é apresentada uma representação integral da linguagem conforme preconizada pela LSF, abarcando ambas as suas facetas intralinguística e extralinguística. Enquanto o primeiro espectro inclui os níveis grafo-fonológico, léxico-gramatical e semântico, o segundo abrange outros dois estratos: o contexto de situação e o contexto de cultura, denominados, respectivamente, de Registro e Gênero quando instanciados linguisticamente. No esquema representativo desenvolvido por Halliday, ambas as formas de projeção da linguagem são equiparadas, isto é, há uma continuidade entre os âmbitos intralinguístico e extralinguístico, incluindo os estratos pertencentes ao contexto como parte integrante do esquema da linguagem. Logo, assim como a Semântica do Discurso codifica a léxico-gramática, ela também é codificada pelo Registro.

No esquema pluriestratal de realização da linguagem, o Contexto de Situação, âmbito menos abstrato do contexto, se segmenta em três regiões, que delimitam cada uma das metafunções da linguagem: o Campo do discurso (ideacional), as Relações (Teor) do discurso (interpessoal) e o Modo do discurso (textual). Conforme explicado de forma minuciosa por Halliday e Hasan (1976, pg. 12), o Campo do discurso “se refere ao que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo: no que os participantes estão engajados”. As Relações (Teor) do discurso “se referem a quem está tomando parte, à natureza dos participantes, seus estatutos e seus papéis”. Já o Modo do discurso “se refere ao papel que a linguagem está desempenhando, o que os participantes esperam que a linguagem faça por eles na situação”.

Em um grau ulterior da escala de abstração, encontramos o Contexto de Cultura. Halliday (1994, pg. 21), descrevendo-o, assinala: “assim como o texto tem o seu ambiente, o contexto de situação (...), o sistema de língua como um todo tem o seu ambiente (...) o contexto de cultura”. À luz desse prisma, o Contexto de Cultura emerge como o pano de fundo simbólico que envolve a língua. Estabelece-se, assim, a luz das ideias de Hasan (2013), uma troca dialética entre a língua e seu contexto: a linguagem é ativada e ancorada pelo contexto enquanto o contexto é demarcado pela linguagem. Nesse sentido, no esquema da LSF, o Contexto de Cultura não deve ser confundido com todo o acervo cultural de um povo ou uma coletividade (a cultura brasileira, a cultura acadêmica), mas as regiões semânticas e simbólicas que são organizadas pelo discurso em cada interação.

Quando integrado ao esquema de linguagem da LSF, o Contexto de Cultura adquire um novo nome: Gênero. Martin e White (2005, pg. 32) definem esse estrato extralinguístico como: “um sistema compreendendo configurações de seleções de Campo, Modo e Teor (Relações) que se desdobra em estágios recorrentes de discurso – um padrão de padrões de Registro”. Da mesma forma que a cultura codifica o conjunto de situações locais possíveis e se forma pela totalidade de situações existentes; o Gênero se estabelece como uma rede de Registros, que compõem, ao mesmo tempo, o quadro geral que constitui aquele Gênero. Vige, portanto, uma dinâmica de retroalimentação constante entre ambos os polos. Os passos que caracterizam e marcam um dado Gênero se formam como abstrações ordenadas a partir de formas reiteradas de Registro orientadas para certos fins em dados contextos. Outrossim, os diferentes Registros compõem o Gênero, existindo como instâncias previstas por um sistema mais abstrato.

As concepções de Contexto de Cultura e Contexto de Situação esposadas pela LSF possuem alguns atributos importantes, que determinam a forma como essa escola teórica entende a própria noção de contexto. Em primeiro lugar, evidencia-se que, para o pensamento hallidaiano, o contexto é um âmbito mais abstrato da linguagem, que lhe serve de alicerce. Estabelece-se, assim, uma relação lógica, em forma de cascata de (de)codificações entre os três estratos intralinguísticos e as duas instâncias contextuais: o contexto é um nível mais abstrato do significado ao passo que o significado é uma representação menos abstrata do contexto.

Por outro lado, a esquematização das instâncias extralinguísticas da linguagem defendida pela LSF também evidencia uma visão eminentemente objetivista de contexto. O contexto é determinado, primeiramente, pela natureza do evento comunicativo (Campo), pelo papel social desempenhado pelos interagentes (Teor) e pela função social da linguagem no momento (Modo): variáveis genéricas que independem do entendimento subjetivo dos indivíduos envolvidos na atividade comunicativa. Em um estrato ulterior, o contexto seria uma codificação mais abstrata dessas variáveis de Registro, que estabelece uma estrutura recorrente para as interações ordenadas à luz dos diferentes Gêneros, segmentando-as em etapas que se sucedem. Logo, o Gênero também emerge como uma instância contextual independente da experiência subjetiva dos participantes, codificada a partir das variáveis objetivas de Registro.

São justamente esses dois atributos salientes da noção de contexto advogada pela LSF que constituem a sua grande debilidade teórica: sua integração lógica com os estratos

linguísticos e seu caráter objetivo. Na seção seguinte, esses aspectos problemáticos serão esmiuçados em maior detalhe.

Linguagem e contexto: aspectos problemáticos da noção de contexto da LSF

Uma série de autores integrados ao cânone hallidaiano já pontuaram debilidades patententes na visão de contexto propalada por essa escola de pensamento, chegando a propor reformulações substanciais, que, fossem adotadas, revolucionariam a totalidade do modelo linguístico em questão (Bartlett, 2017). Os dois problemas mais proeminentes que fragilizam a concepção de contexto advogada pela LSF são: 1) o caráter determinista e objetivista de dessa noção, que tem em Malinowski (1972) seu maior fiador; 2) sua natureza superveniente (Martin, 2013), ou seja, sua determinação de considerar o contexto como um estrato ulterior ao semântico, que nele se resolve e se decodifica de maneira menos abstrata.

A concepção de contexto esposada pela LSF é influenciada de maneira importante pelo pensamento de Malinowski (1972). Por um lado, esse diálogo permitiu que o arcabouço hallidaiano desenvolvesse uma visão mais ampla e funcionalmente situada de linguagem. Porém, alguns efeitos colaterais deletérios ocorreram como resultado dessa interface. O primeiro deles diz respeito à consolidação na LSF de um entendimento rígido e determinista das instâncias contextuais. A situação, que Malinowski (1972) toma como firmamento semântico do enunciado, é composta dos elementos materiais e do tecido sociocultural analiticamente apurado; aquele que o etnógrafo observa em sua estadia no campo e coleta em sua acareação minuciosa dos modos de vida de um povo (Malinowski, 1972). É nítida e bem reconhecida (Hasan, 2013; Bartlett, 2017) a contaminação de tal espírito objetivista nas categorias que exprimem em termos extralinguísticos as dimensões de contexto preconizadas pela tradição sistêmico-funcional: Registro e Gênero.

Basta um exame mais esmerado para flagrarmos nas categorias de Campo, Teor, Modo e Gênero a sua ancoragem em uma compreensão determinista de contexto. Perguntar “o que está acontecendo”, “quem são os participantes” e “como a linguagem atua” ou catalogar passos convencionados na prática discursiva sob a égide de um dado gênero são formas de apreensão de contexto que não prescrevem (na prática, embargam) uma interpretação subjetiva a respeito dos elementos extralinguísticos que compõem o ecossistema da significação (Bartlett, 2017). Por exemplo, as visões sobre o que está acontecendo em uma conversa coloquial tenderão a variar de acordo com a experiência vivida por cada um dos participantes da interação, não havendo uma resposta única para esse plantel de perguntas.

Demonstrado o caráter determinista do modelo contextual da LSF, podemos tratar de um segundo problema: seu caráter superveniente (Martin, 2013). Uma das grandes contribuições do modelo de representação da linguagem advogado pela LSF foi sua capacidade de explicitar o vínculo lógico entre o significado, a estrutura da língua e sua materialização em sons e escrita (Halliday, 1994). Há uma relação cogente que integra essas três instâncias do fenômeno linguístico, evidenciando que, a cada enunciado que

produzimos, atravessamos esses três domínios que se realizam em diferentes níveis de abstração. De fato, o significado anelado por algum indivíduo encontrará uma determinada forma léxico-gramatical de ordenamento, que, por sua vez, encontrará também sons e letras adequados para a sua expressão. O mesmo ocorre dentro das duas diferentes instâncias do contexto: o Contexto de Situação e o Contexto de Cultura apresentam níveis concomitantes e logicamente imbricados de organização do entorno da interação (Halliday, 1994). Há um nexo de causalidade entre essas duas instâncias, que as ligam como formas homólogas de apresentar o mesmo objeto em graus distintos de abstração. Portanto, entre os binômios texto-linguagem e cultura-situação se institui uma relação lógica de indução-dedução, que articula racionalmente a materialidade particular com as regularidades genéricas (Martin, 2013).

Há, contudo, no esquema de representação pluriestratal de linguagem preconizado por Halliday, um ponto em que essa relação lógica entre os diferentes estratos se rompe: no vínculo entre os âmbitos extralinguístico e intralinguístico. Diferente da dinâmica que rege o tripé significado-estrutura-expressão e o binômio situação-cultura, a inter-relação entre texto e contexto se firma em um laço de outra ordem: em vez de lógico, ele é aleatório, acidental e pontual. O texto não prevê ou realiza o contexto; o contexto não codifica o texto: ambos se trombam, se esbarram.

Enquanto, em sua dimensão intralinguística, o eixo da realização esquematiza a linguagem de modo coerente, partindo do enlace entre semântica, léxico-gramática e grafofonologia, a tentativa de estender essa relação lógica para o campo do contexto representa o grande problema do modelo. A explicação desse esforço de concepção do contexto como um desdobramento lógico do significado repousa na visão mistificada de contexto como um conjunto de variáveis objetivas que envolvem a interação (Bartlett, 2017). Somente uma compreensão estática e determinista de contexto (Bartlett, 2017) poderia ser representada como um desdobramento lógico da Semântica do Discurso. Em contrapartida, aceitando-se a natureza eminentemente subjetiva e intersubjetiva dos fatores contextuais, o vínculo cogente entre texto e contexto se torna impensável. Em resumo, o elo entre os planos extra e intralinguístico no modelo pluriestratal da LSF somente consegue falsear uma relação de realização (recodificação lógica) quando entendemos (erradamente) o contexto como uma instância objetiva. Sendo o contexto intersubjetivo, tal fio se rompe; e a relação entre o contexto e os estratos linguísticos se torna uma correlação incidental em vez de uma determinação lógica.

Apresentados os vícios que conspurcam a teoria de contexto entabulada pela LSF, na seção seguinte, discutimos o esboço de um modelo alternativo de contexto que, preservando alguns balizamentos importantes dessa matriz teórica, abarca os elementos objetivos e (inter-)subjetivos do entorno do discurso.

Linguagem, interação e experiência: por uma concepção trinitária de contexto

Dois foram os problemas flagrados na concepção de contexto esposada pela LSF: seu caráter determinista e sua natureza superveniente, que emula uma ligação lógica com a linguagem que não existe. A superação desses dois problemas passa pelo reconhecimento de que a inter-relação do ser humano com o mundo não se dá de maneira direta e imediata, mas conta com a mediação psicológica de todas as nossas funções mentais (Vygotsky, 1994) que formam um filtro refrator da realidade, dando origem às nossas experiências (Vygotsky, 1994). Portanto, o ser humano não apenas absorve o seu entorno pelas vias da percepção, mas ele vive esse meio material e simbólico como uma fonte de dados que alimenta sua experiencialidade. Vygotsky, buscando elucidar o processo de desenvolvimento infantil, afirma que não são os fatores da realidade que influenciam na evolução psicológica, “mas serão os mesmos fatores refratados através do prisma da experiência (*perezhivanie*).” (Vygotsky, 1994, p. 340). À luz dessa concepção de interação entre o indivíduo e seu meio, a realidade não pode ser compreendida como um pano de fundo objetivo que determina fatalmente a vivência do sujeito; ela deve ser vista como uma fonte de informações do mundo que interpela o sujeito e estabelece um diálogo com a sua subjetividade.

Partindo da compreensão vygotskiana de experiência, torna-se nítido que um modelo objetivista de contexto nega de maneira frontal o princípio da refração subjetiva da realidade (Vygotsky 1994), ou seja, o condão do sujeito de não apenas apreender os elementos do mundo, mas com eles interagir de forma autônoma e criativa. O contexto não pode se resumir a um conjunto de fatores *a priori* que condicionam o significado independente dos fenômenos subjetivos que emergem na mente dos interagentes na situação comunicativa. Ademais, para que qualquer ato comunicativo possa se estabelecer de uma maneira funcional, é preciso que haja algum grau de interseção e comunhão entre os horizontes contextuais apreendidos pelos sujeitos envolvidos na interação. Sem tal interface de Gênero e Registro, a conversa tende a tornar-se caótica. Portanto, além do âmbito experiencial do contexto, há também um ponto de convergência e imbricação entre as diferentes vivências do entorno interacional que se faz necessário para viabilizar qualquer diálogo.

Com base na reflexão desenvolvida nos parágrafos anteriores, defende-se neste artigo um outro modelo de inteligibilidade para o fenômeno do extralinguístico, denominado aqui de concepção trinitária de contexto. Esta é formada pela inter-relação dialética e dinâmica de três níveis contextuais: 1) o contexto supraexperiencial, alheio à experiência dos sujeitos interagentes; 2) o contexto experiencial, sediado na experiência do sujeito; 3) e o contexto coexperiencial, compartilhado discursivamente pelos interagentes. Destrinchemos cada uma dessas facetas.

Por contexto supraexperiencial, entende-se todos os elementos materiais, psicológicos, sociais, etc. que, mesmo alheios à experiência do sujeito, mostram-se fundamentais para a ocorrência da interação. No limite, poderíamos considerar a totalidade do mundo como parte constituinte dessa instância. Na prática, contudo, o contexto supraexperiencial é produto de um recorte interpretativo vicário (realizado por um terceiro) que assinala os elementos que contribuem de alguma forma para o evento interacional, independente de tais fatores serem reconhecidos pelos sujeitos participantes do encontro

discursivo. O contexto supraexperencial é constituído de um recorte heterogêneo que comunga as mais distintas formas da realidade: materiais, fisiológicas, psicológicas inconscientes, linguísticas, abstratas, etc.; estamos diante de um exemplo típico de categoria ética (Garfinkel, 2018), produzida por um potencial observador externo ao evento social em tela.

A segunda camada constituinte do tripé contextual é o nível experiencial. Aqui, temos o conjunto de elementos apreendidos e vividos pelo sujeito no momento da interação. O contexto experiencial é a própria experiência que o sujeito vive no construir de seu discurso. Nesse nível, é difícil de estabelecermos categorias de organização, posto que a experiência obedece a uma dinâmica própria, absolutamente incontroleável, por ser oriunda da atividade mental criativa do sujeito. O contexto experiencial não pode ser metrificado ou segmentado segundo padrões cientificistas – ele não possui unidade se não nele mesmo. Assim como uma experiência de tristeza pode evanescer-se em um instante ou arrastar-se por uma vida, um contexto pode fenecer no seu próprio nascer ou cristalizar-se como um trauma.

Por fim, temos o nível coexperencial do contexto. Este compreende o conjunto simbólico de elementos que, uma vez experimentados, são, direta ou indiretamente, discursivizados. O processo, colocado em termos genéricos, é simples. Um indivíduo se recorda de algum evento específico (a festa de semana passada) e traz essa informação à baila na conversa (Nossa! Você se lembra daquela festa de semana passada?). Com esse movimento discursivo, uma instância experiencial é elevada ao nível interacional ou, em outros termos, transformada em intersubjetividade, convertendo em base contextual comum elementos que antes eram apenas subjetivos. Na prática, enquanto a dimensão experiencial do contexto desempenha o papel da emergência do contexto em seu terreno mor (a experiência subjetiva), a dimensão coexperencial opera uma ponte, estabelecendo uma mediação entre os dois universos experienciais (o da experiência e o da palavra interseccional) através do poder comunicativo do significado plasmado em discurso.

Certamente, as vivências experimentadas pelos sujeitos são sempre particulares e idiossincráticas. Porém, o mundo ancora nossas subjetividades em um plano compartilhado (Zubiri, 1998), patrocinando a possibilidade de vivências comuns. Apesar de cada um viver a enfermidade de uma gripe de modo único, o fato de o mundo (neste caso, na forma do agente patogênico) possuir um conjunto de atributos que nos interpelam e, em algum grau, se impõem sobre nossa subjetividade, faz com que nossas experiências peculiares com a gripe possuam margem para a interface subjetiva e para a comunhão experiencial.

Por sua vez, aquilo que o mundo – ou o contexto supraexperencial – possibilita, o nível experiencial patenteia, faz emergir na consciência do sujeito. Temos aqui, *mutatis mutandis*, uma visão de contexto análoga àquela defendida por Hasan (2013). Para a autora, o contexto é composto dos elementos consignados na língua, e por isso, pinçados e tornados relevantes a partir das vivências de cada interagente. Nesse aspecto, há uma importante convergência entre a compreensão hasaniana de contexto e a faceta coexperencial da visão teórica aqui propalada. Contudo, fora da matriz subjetiva da experiência e do esteio da realidade, o contexto apresentado por Hasan (2013) se restringe ao horizonte simbólico compartilhado pelos indivíduos envolvidos na interação, abdicando de considerar variáveis contextuais fundamentais hospedadas na experiência do sujeito e no entorno material-social da conversa, que desempenham um papel de proa na orientação da prática discursiva.

Um exemplo anedótico torna mais nítida tanto a crítica aos modelos de contexto advogados por Hasan (2013) e Halliday e Matthiessen (2004) quanto à proposição teórica aqui esposada. Pensemos em alguém que, interrogado por seu interlocutor acerca de um evento, guarda em segredo uma informação crucial para os interesses que originaram o questionamento. Ao fazê-lo, o ocultador buscará malear o seu discurso de modo a tergiversar o ponto escondido, porém preocupando-se sempre em não deixar pistas que levantem suspeitas acerca de seu segredo. Seria coerente afirmar que esse ocultamento (que serve de marco para toda a interação) não constitui um aspecto fundamental nessa interação imaginária? À luz da concepção de contexto ortodoxa de Halliday e Matthiessen (2004), tal elemento não poderia ser incluso no rol contextual por não se inscrever a contento nas categorias de Gênero e Registro. Para Hasan (2013), o mesmo; afinal, toda a participação do sujeito sonegador na conversa consiste em lançar trevas sobre o dado ocultado, ou seja, o oposto do que é preconizado pela concepção hasaniana de contexto. Eis a limitação teórica de ambos os modelos: sua cegueira em relação ao âmbito da intimidade subjetiva e da materialidade do mundo criam um escotoma que os impede de perceber grande parte da riqueza contextual que baliza nossas interações.

O único meio teórico de que dispomos para apreender todas as notas e facetas do contexto esboçadas no exemplo anterior é vislumbrá-lo à luz do modelo trinitário aqui apresentado e defendido. Em primeiro lugar, a informação ocultada provém de um evento ocorrido no mundo concreto, chegando ao conhecimento do indivíduo que busca escondê-lo. Flagramos aqui o lastro supraexperencial do contexto, que, antes de se converter em um dado de experiência, existiu como ocorrência alheia a qualquer experiência subjetiva. Além disso, no exemplo em questão, há um esforço deliberado de evitar a intersubjetivação – transformar o contexto experiencial em coexperencial – do acontecimento experienciado por um dos participantes da interação. As manobras discursivas do interagente ocultador tornam nítida a inter-relação complexa entre as dimensões subjetiva e intersubjetiva do contexto, cuja riqueza somente pode ser captada por uma concepção de contexto que seja sensível a esses diferentes níveis contextuais.

Algumas propriedades importantes do modelo trinitário de contexto

Nas páginas anteriores, os fundamentos teóricos do modelo trinitário de contexto foram discutidos, assim como foi justificado o seu emprego como categoria analítica e de representação do universo contextual. Nesta subseção, discorreremos sobre alguns atributos centrais desse esquema de inteligibilidade, assinalando suas nuances e particularidades.

Ainda que as três instâncias constituintes da trindade contextual sejam descritas de modo isolado, elas operam de modo interconectado e, por vezes, interseccionado. Assim como a simbiose existente entre sujeito, discurso e realidade (o discurso é uma construção do sujeito, o qual, por sua vez, constitui e participa da realidade), as três dimensões do contexto se interpenetram, perfazendo um movimento de retroalimentação. O contexto supraexperencial, no limite, abrange o todo do mundo, abarcando também a experiencialidade do sujeito – o contexto experiencial. Este, por sua vez, compreende tudo

que se faz discursivamente relevante, uma vez que o abrigo de qualquer discurso, do ponto de vista psicológico, é a experiência.

À luz de tal ordenamento, podemos esquematizar o modelo trinitário de contexto da seguinte forma: o contexto coexperencial está contido no contexto experiencial e o contexto experiencial, por sua vez, encontra-se contido no contexto supraexperencial. É importante ter em mente que a simbiose entre os diferentes níveis do contexto não emula o tipo de relação escrita pela noção de realização, esposada pela LSF. Realizar significa, dentro de um contínuo de abstração, reproduzir em formas menos genéricas um sistema mais abstrato, que se forma a partir de padrões de regularidade extraídos de um fenômeno concreto. Aqui, em contrapartida, apresenta-se uma inter-relação de proveniência: o contexto coexperencial provém de experiências e estas provêm do encontro do sujeito com a realidade. Ao tempo em que a realização perfaz uma dinâmica que vai do mais abstrato ao menos abstrato; a proveniência assinala o liame entre um elemento originário e outro que dele provém.

Outro ponto importante a respeito do modelo trinitário é a resolução que ele oferece para o problema da alocação do contexto como uma variável superveniente (Martin, 2013). À luz de todo o exposto ao longo das últimas páginas, torna-se evidente a insustentabilidade de uma modelagem superveniente na explicação da relação entre linguagem e contexto. Não há uma determinação lógica entre ambos, há um encontro fortuito e idiossincrático. Como consequência, o esquema trinitário, seguindo a posição defendida por Martin (2013), enxerga a relação entre discurso e contexto através de uma ótica circunveniente, ou seja, defendendo a incorporação do contexto ao todo do fenômeno linguístico; como um elemento que perpassa a linguagem em todos os seus níveis. Entre ambos os entes, contexto e linguagem, há uma interseção regida, ao mesmo tempo, pelo acaso e por certas regularidades que favorecem a vinculação de alguns tipos de discurso a determinados ambientes contextuais. Portanto, acaso e correlação se confundem e se misturam no enlace entre as instâncias extra e intralinguísticas, promovendo uma interface fundada tanto na contingência quanto em algum grau de condicionamento.

Existe, nesse sentido, uma relação de mútua dependência entre o texto (materialização do sistema da língua) e seu contexto. Por um lado, o contexto se entranha na linguagem pelo fato de esta, para tornar-se concreta, precisar unir-se àquele: o discurso é o texto (pelo eixo da instanciação da linguagem) integrado ao seu contexto. Por outro lado, a linguagem também integra o contexto em todas as suas dimensões. No âmbito supraexperencial, a linguagem faz parte (participa) do todo do mundo; no experiencial, a experiência (Vygotsky, 1994) inclui em sua totalidade de processos psicológicos a significação, que é embrião psicológico da linguagem; e, no nível coexperencial, a linguagem é o próprio corpo no qual essa faceta do contexto se hospeda, a carne da qual ela se nutre.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos discutir a concepção de contexto advogada no modelo de representação da linguagem da LSF, expondo algumas de suas debilidades e apresentando,

em seguida, um esboço de um esquema teórico alternativo: o modelo trinitário de contexto. Como pode ser facilmente deduzido, a integração da visão de contexto defendida neste escrito ao arcabouço da LSF demandaria um trabalho heurístico e teórico de maior fôlego do que o comportado por um texto breve como este. Há, de fato, múltiplas arestas a serem aparadas.

Em primeiro lugar, ainda que haja um diálogo recorrente entre a LSF e a psicologia sociocultural vygotskiana, a incorporação da noção de experiência (*perezhivanie*) requer um esforço mais rigoroso de artesanato de ideias e conceitos, equacionando possíveis pontos de atrito e evidenciando a convergência geral entre ambos os sistemas. Ademais, considerando a inadequação do modelo pluriestratal da linguagem em face da articulação lógica indébita entre os âmbitos extralinguístico e intralinguístico, torna-se imperativo propor uma reestruturação desse esquema representativo. Sugere-se, ainda de modo rudimentar, que seja buscada uma estrutura que mantenha a dinâmica da cascata de realizações dentro dos níveis linguístico e contextuais, mas que preveja uma inter-relação mais sutil e pulverizada entre linguagem e contexto. Por fim, demanda-se também o desenvolvimento de novos esforços de pesquisa e elucubração teórica no sentido ampliar e enriquecer a caracterização das três dimensões contextuais levantadas neste escrito: as dimensões supraexperencial, experencial e coexperencial. São necessárias novas iniciativas de diálogo entre a categoria de experiência professada por Vygotsky, o arcabouço teórico da LSF e concepções de discurso que sejam sensíveis a todo o horizonte de possibilidades aberto por uma noção de contexto que integre a intimidade da vida subjetiva e o pleroma do mundo ao ambiente contextual.

Referências

ARMENGAUD, F. A **Pragmática**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BARTLETT, T. Context in Systemic Functional Linguistics. In: BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (eds.). **The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics**. London: Routledge, 2017. p. 375–390.

FIRTH, J. R. **A Synopsis of Linguistic Theory: 1950—1955**. Oxford: Studies in Linguistic Analysis, 1957.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. London: Routledge Press, 2018.

HALLIDY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar** (2 ed.). London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Routledge, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

Recebido em: 08/09/2023

Aceito em: 06/11/2023

ISSN 2317-9945 (ON-LINE) ISSN 0103-6858
125-139

HAO, J. **Analysing Scientific Discourse from a Systemic Functional Linguistic Perspective: A Framework for Exploring Knowledge Building in Biology**. Abingdon: Routledge, 2020.

HASAN, R. Choice, system, realisation: describing language as meaning potential. In: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (eds) **Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. pp. 269– 99.

JAKOBSON, R. Linguistics and Poetics, In SEBEOK, T. (ed.). **Style in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages: Supplement 1. In: OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. (eds.). **The Meaning of Meaning**. London: Routledge & Kegan Paul, 1972[1923]. p. 296-336.

MARTIN, J. Modelling Context: Matter as Meaning. In: GOUVEIA, C. A. M.; ALEXANDRE, M. F. (Eds.). **Languages, Metalanguages, Modalities, Cultures: Functional and Socio-discursive Perspectives**. Lisbon: BonD: Books on Demand, 2013. p. 19-64.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. Systemic typology and topology. In CHRISTIE, F. (Ed.) **Literacy in social processes: Papers from the inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference (held at Deakin University, Victoria, January 1990)**. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, 1991.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation**. Great Britain: Pelgrave/Macmillan, 2005.

VYGOTSK, L. S. The problem of the environment (T. Prout, trad.). In VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Ed.). **The Vygotsky reader**. Oxford, UK: Blackwell, 1994[1934]. pp. 338-354.

ZUBIRI, X. **Inteligencia sentiente: Inteligencia y realidad**. 5. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1998.